

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

GUILHERME NERES SOARES

**GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DA
PRODUÇÃO ACADÊMICA DO CONBRACE E CONICE (2003-2021)**

UBERLÂNDIA

2023

GUILHERME NERES SOARES

**GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DA
PRODUÇÃO ACADÊMICA DO CONBRACE E CONICE (2003-2021)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a faculdade de Educação Física e Fisioterapia /FAEFI da Universidade Federal de Uberlândia/MG, como requisito obrigatório à obtenção do diploma de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Aline da Silva Nicolino

UBERLÂNDIA

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por estar sempre comigo me guiando em todos meus passos. Também agradeço à minha família, em especial aos meus pais, Cleuton Soares Ribeiro e Eva Neres de Brito e também a minha namorada Júlia Landim Silva Lima que sempre me apoiaram e incentivaram. Agradeço também à Professora Aline da Silva Nicolino por suas orientações, paciência e dedicação, tornando possível a realização deste trabalho. Por fim, agradeço à Universidade Federal de Uberlândia e à Faculdade de Educação Física por todas as oportunidades que me foram oferecidas e a todos/as os/as professores/as que me incentivaram ao longo da minha formação.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é conhecer e mapear o conteúdo dos trabalhos sobre gênero na Educação Infantil, publicados nos últimos dez (10) Anais do evento “CONBRACE & CONICE” (2003-2021) que acontecem de forma conjunta, a cada dois anos. Esse evento foi escolhido por ser considerado o maior Congresso da área dentre as sociedades científicas dos campos da Educação Física e Ciência do Esporte. A pesquisa em questão é um estudo bibliográfico, de abordagem quantitativa/qualitativa, que por meio da leitura dos títulos e subtítulos das produções, foram realizadas buscas em todos os GTTs dos Anais dos eventos como local de busca. Para interpretar as informações coletadas, foi feita a leitura dos resumos dos possíveis trabalhos para a seleção daqueles que abordavam tal temática. Foram selecionados dezenove (19) trabalhos que abordavam questões de gênero na Educação Infantil, no qual são importantes para conhecer e mapear o conteúdo e as proposição pedagógica dos trabalhos sobre gênero na Educação Infantil, publicados nos últimos dez Anais do evento. O levantamento e análise das produções, permitiu mapear e identificar seis temáticas sobre o tema, sendo: nove (9) produções sobre análises nas práticas pedagógicas e corporais na Educação Infantil; quatro (4) produções sobre pesquisas históricas na área da Educação Física; dois (2) trabalhos sobre a importância da Educação Física na Educação Infantil; duas (2) produções sobre o currículo da Educação Física na escola; um (1) trabalho sobre a importância da busca em aprofundar no aspecto relevante da construção da função simbólica; e, por fim, uma produção sobre a importância de entender o que é o *bullying* e pensar como a comunidade escolar deve agir perante essas situações. Os artigos, em sua maioria, apontam que a produção generificada dos papéis atribuídos social e culturalmente às crianças ocorrem a partir da visão e do estímulo do adulto, nos diversos contextos e instituições, sejam eles familiar, religioso, escolar. E como docentes, devemos estar atentos e atentas às produções de preconceitos e que há uma necessidade de um trabalho pedagógico voltado para a quebra desses paradigmas. Para isso, temáticas como gênero, sexualidades, diferenças e *bullying* precisam estar contempladas no currículo de formação inicial e nas formações continuadas, visto que as proposições pedagógicas que conseguiram dar conta das demandas levantadas na Educação Física na Educação infantil trazem questões como a importância da mediação adulta perante os conflitos das crianças. Identifico, ao final, que trabalhar as questões de gênero na Educação Física na Educação Infantil, pode contribuir para a formação de uma nova geração de indivíduos conscientes, respeitosos e empáticos, capazes de reconhecer e valorizar a diversidade humana.

Palavras-chave: Educação Física; Generificação; Educação continuada; Congresso.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the academic productions on the theme “gender in early childhood education” in the Annals of the Brazilian Congress of Sports Sciences (CONBRACE) and International Congress of Sports Sciences (CONICE), in the last ten (10) editions (2003 -2021). This event was chosen because it is considered the largest Congress in the area among scientific societies in the fields of Physical Education, Sports Science and Leisure Studies. The research in question is a bibliographical study, with a quantitative/qualitative approach, which, by reading the titles and subtitles of the productions, searches were carried out in all GTTs of the Annals of the events as a search location. In order to interpret the collected information, the summaries of possible works were read for the selection of those that addressed this theme. Nineteen (19) works were selected that addressed gender issues in early childhood education, in which they are important to know and analyze the content and pedagogical proposition of works on gender in early childhood education, published in the last ten Annals of the event. The survey and analysis of productions allowed mapping and identifying six themes on the subject, namely: nine (9) productions on analyzes in pedagogical and corporal practices in the early years; four (4) productions on historical research in the field of physical education; two (2) papers on the importance of Physical Education in early childhood education; two (2) productions on the Physical Education curriculum at school; one (1) work on the importance of seeking to deepen the relevant aspect of the construction of the symbolic function; and, finally, a production on the importance of understanding what bullying is and thinking about how the school community should act in these situations. The articles, for the most part, point out that the gendered production of roles socially and culturally assigned to children occurs from the vision and stimulus of the adult, in different contexts and institutions, be they family, religious, school. And as teachers, we must be attentive and attentive to the production of prejudices and that there is a need for pedagogical work aimed at breaking these paradigms. For this, themes such as gender, sexualities, differences and bullying need to be included in the initial training curriculum and in continuing training, since the pedagogical propositions that were able to handle the demands raised in children's Physical Education bring up issues such as the importance of adult mediation before children's conflicts. Finally, I identify that working with gender issues in children's Physical Education can contribute to the formation of a new generation of conscious, respectful and empathetic individuals, capable of recognizing and valuing human diversity.

Keywords: Physical education; genderification; continuing education; Congress.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
Procedimentos Metodológicos.....	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
O direito à Educação Infantil no Brasil.....	16
Educação generificada e Educação Infantil.....	19
3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES.....	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
5. REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

A temática “gênero” vem me chamando a atenção ao longo de minha formação acadêmica no curso Graduação em Educação Física grau Licenciatura, principalmente após a realizar a matéria obrigatória “Educação Física escolar e diferenças” e das disciplinas optativas “Corpo, Cultura História e Educação Física” e “Educação e Sexualidade”. Disciplinas que me fizeram refletir sobre a desigualdade social marcada nos corpos, de forma a recordar lembranças escolares da Educação Básica, como estudante de uma escola pública do interior de Minas Gerais¹, e enxergar o quanto o meu processo de escolarização foi faltoso com relação a temática de gênero. Separar meninas e meninos nas aulas de Educação Física e ministrar conteúdos diferenciados para as crianças, como futsal para os meninos e vôlei e queimada para as meninas, constituem algumas dessas vivências generificadas².

Essas formas de intervenção pedagógica e mesmo o silenciamento em situações que envolviam xingamentos, apelidos e piadas sobre a orientação sexual das pessoas, me levaram a refletir e enxergar a importância de trabalhar as questões de gênero desde cedo. As discussões realizadas nessas disciplinas, me fizeram perceber também que em nenhum momento do meu processo escolarização, essas questões foram apresentadas e dialogadas, seja por falta de formação dos/das professores/as e/ou pelo tabu social-religioso, manifesto pela comunidade escolar (pais, mães, professores/as). Hoje, percebo a importância de trabalhar as questões histórica, cultural e social que generificam os corpos nas escolas, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, para que os/as

¹ As situações descritas, referem-se ao ensino fundamental, tal fase, nas aulas de educação física se encontrava presente professores “rola-bola”, com aulas que havia segregação de gênero e sem bons planejamentos, vivenciadas em uma escola estadual de uma cidade de quase 28.000 habitantes, conhecida por ser a terra do diamante e seu setor agropecuário como principal economia, próxima de cidade de Patrocínio/ MG.

² O uso do termo, vale-se da discussão sobre arranjos de gênero, fundamentada na diferença hierarquizada, que “consiste no fato de (re)conhecer, hierarquizar e, conseqüentemente, transformar tal diferença em desigualdade. Esse processo se dá em razão do modo como as relações de gênero estão construídas em nossa sociedade, do modo como determinadas características são atribuídas a tudo quanto é feminino – incluindo aí as mulheres e meninas - e outras características – opostas e/ou complementares às femininas – são atribuídas ao masculino e aos homens e meninos. Essas características masculinas para além de serem diferentes das femininas, porque assim foram sendo elaboradas, são mais prestigiosas no que se refere a *status*, renda e poder das atividades, comportamentos, posturas, práticas e situações que se referem ao masculino. Assim, o que poderia ser apenas uma característica torna-se uma diferença hierarquizada que resulta na desigual condição social de mulheres, meninas e também pessoas que se apropriam do feminino de múltiplas maneiras, como as travestis e as transexuais”. (CORSINO; AUAD, 2012, p. 22).

estudantes aprendam desde cedo a desenvolver habilidades sociais, igualdade, inclusão e respeito para que assim estejam preparados/as para viver em uma sociedade diversa.

Apesar de concordar com a importância dessa discussão, enquanto um conhecimento transversal no currículo (PCN, 1997), também identifico a dificuldade de trabalhar as questões de gênero nas escolas, principalmente na Educação Infantil, por se tratar de crianças, pela desinformação acadêmica por parte de pais e até mesmo de docentes, pela falta de formação inicial e continuada sobre o tema e de alguns dogmas religiosos, que contribuem para moralizar o tema. Na vida cotidiana, os processos de generificação dos corpos são (re)produzidos pelo reconhecimento de nós mesmos/as e aos outros como homens e mulheres, meninos e meninas, conforme o que vestimos, agimos, falamos, brincamos, nos relacionamos e fazemos. Essas ações, são condicionadas cotidianamente, por coerção e/ou estímulo, a serem compreendidas como normas de convivência social, que se apresentam em comportamentos e atitudes esperados para meninos e meninas (LOURO, 1997). A não realização de algumas delas, como menino gostar de brincar de boneca e menina jogar futebol, produzem de imediato um julgamento generificado desses corpos.

O entendimento popular que circula sobre gênero está muito vago, de acordo com Louro (1997), as palavras podem significar muitas coisas, pois são fugidias, instáveis e tem múltiplos apelos. A autora afirma que as palavras têm histórias e que elas fazem histórias, por isso devemos compreender o conceito de gênero a partir de sua longa história e não somente do senso comum.

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem "científica", a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender - e justificar - a desigualdade social. (LOURO, 1997, p. 20).

Nesse sentido, trazer essas questões para dentro das escolas, de forma a contextualizar sobre desigualdade social promovida pela essencialização da diferença sexual, é essencial para promover a discussão sobre os processos que generificam os corpos. Trata-se, de promover a igualdade, combatendo a discriminação e a violência contra as mulheres e outras identidades de gênero, principalmente, quando trabalhada na Educação Infantil do processo de escolarização (SIQUEIRA, 2020). A compreensão e a desconstrução das formas de produção da desigualdade entre homens e mulheres,

possibilitam o respeito à diversidade e a construção de relações mais saudáveis e igualitárias entre as pessoas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), publicizado entre os anos 1996 e 1997, traz como um dos seus objetivos nortear os currículos da Educação em todo o território nacional (BRASIL, 1997). Para isso, vale-se de cinco áreas de conhecimento: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual³, para buscar diálogo interdisciplinar. Enquanto um documento orientador, representa um grande e importante passo na inclusão da discussão de gênero na Educação, de forma interdisciplinar e transversal, ao mostrar a necessidade de uma formação integrada dos/das estudantes, que inclua não apenas o desenvolvimento técnico, mas também de valores, de atitudes e habilidades sociais. O documento, nesse sentido, objetiva promover uma educação mais relevante e significativa para os/as estudantes, capaz de prepará-los/as para a vida em sociedade.

Apesar dos PCNs abordarem cinco áreas de conhecimento, de modo transversal, não há obrigatoriedade para se trabalhar a área de orientação sexual, e nenhum outro conteúdo, pois é um documento de orientação.

O conjunto de documentos dos Temas Transversais comporta uma primeira parte em que se discute a sua necessidade para que a escola possa cumprir sua função social, os valores mais gerais e unificadores que definem todo o posicionamento relativo às questões que são tratadas nos temas, a justificativa e a conceitualização do tratamento transversal para os temas sociais e um documento específico para cada tema: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, eleitos por envolverem problemáticas sociais atuais e urgentes, consideradas de abrangência nacional e até mesmo de caráter universal. (BRASIL, 1997, p. 42).

Acredito que a falta de formação inicial e continuada por parte dos/das professores/as, o preconceito por parte das pessoas com relação a essa temática, entre vários outros fatores, influencia para que não seja abordada as questões de gênero na Educação Infantil, mas não significa que não devam e precisam ser tratada tais questões nas aulas; ao contrário, a discussão exige adaptações para essa faixa etária, atenção às ações diárias que refletem e reforçam desigualdades e estereotipagem, contar com o apoio

³“A proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais para Orientação Sexual é que a escola trate da sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas, questão ampla e polêmica, marcada pela história, pela cultura e pela evolução social. A escola não substitui nem concorre com a família, mas possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de valores. Em nenhuma situação cabe à escola julgar a educação que cada família oferece a seus filhos. Como um processo de intervenção pedagógica, tem por objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados, sem invadir a intimidade nem direcionar o comportamento dos alunos.” Informações disponíveis no site: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>.

dos pais e comunidade escolar para entender sobre a temática, para que dessa maneira possa ser trabalhada e colaborar para a formação das crianças, como afirma Passi (2019).

É na infância e, portanto, na Educação Infantil que se estabelecem os primeiros níveis da formação da personalidade das crianças. Leontiev (1978) afirma que este é o período espontâneo do desenvolvimento deste sistema. É durante a Educação Infantil que a criança absorve valores, normas de comportamento e habilidades interpessoais únicas, desenvolvendo gradualmente uma consciência mais ampla do mundo ao seu redor, forma uma consciência cada vez mais complexa sobre os objetos e seu conhecimento, sobre as relações humanas e, sobretudo, sobre si mesma.

De acordo com Frison (2008), é uma tarefa desafiadora refletir sobre gênero em um momento de mudança de valores como o presente. Além disso, ainda de acordo com a autora, nos deparamos com opiniões divergentes dentro das famílias, escolas e entre indivíduos, quando se trata de questões relacionadas à expressão de gênero e sexualidade. Introduzir esse tema para discussão representa um desafio significativo para nós que desejamos debatê-lo.

Dessa maneira, o presente trabalho tem sua relevância acadêmica no sentido de mapear o conhecimento produzido sobre questões de gênero no âmbito infantil, no maior evento científico da Educação Física⁴, buscando responder a seguinte questão: o que vem sendo produzido sobre gênero na Educação Física da Educação infantil? Entendo, diante do exposto, que identificar o que tem sido publicado em eventos científicos da área, sobre as questões de gênero na Educação Infantil, pode ajudar a conhecer melhor o que a área vem produzindo e publicizando sobre o tema. Assim, objetiva-se levantar as pessoas e/ou grupos que estão escrevendo sobre o assunto, a quantidade de trabalhos produzidos em cada edição, o que (conteúdos) e quais as finalidades das discussões envolvendo gênero na infância. Esse mapeamento, visa compreender as demandas e as proposições pedagógicas da área para a Educação Física na Educação infantil, por meio da análise da produção de trabalhos publicados nos Anais do maior evento científico da Educação Física no Brasil.

⁴ “O Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) e o Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE) é um evento científico de periodicidade bienal. Constitui-se no maior evento do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) e é considerado um dos mais importantes e rigorosos congressos dentre as sociedades científicas da área. O CBCE, entidade científica filiada à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), congrega pesquisadoras/es e estudantes provenientes de diferentes áreas do conhecimento e campos acadêmicos e que possuem em comum o interesse no desenvolvimento da Educação Física, das Ciências do Esporte e Estudos do Lazer.”. Informações disponíveis no site: <https://www.cbce.org.br/evento/conbrace23>.

Dessa forma, a presente pesquisa objetiva conhecer e mapear o conteúdo dos trabalhos sobre gênero na Educação Infantil, publicados nos últimos dez (10) Anais do evento “CONBRACE & CONICE” que acontecem de forma conjunta, a cada dois anos. Mais especificamente, objetiva identificar os/as autores/as dos trabalhos mapeados, quem são as pessoas mais acionadas referencialmente nessas produções e a finalidade e as possibilidades pedagógicas apresentadas como propostas de mediação de conhecimento, no que se refere as questões de gênero na Educação Infantil.

Procedimentos Metodológicos

A escolha por mapear e analisar os trabalhos publicados nesse meio acadêmico, se deu por se tratar do maior evento científico sobre o tema na Educação Física e Ciências do Esporte no país. Além disso, são realizados pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), maior entidade científica da Educação Física, periodicamente, congressos estaduais e/ou regionais, bem como encontros dos Grupos de Trabalho Temáticos, sempre de relevada importância e ampla participação da comunidade acadêmica (CBCE,2023).

De acordo com informações retiradas do site:

Esse evento se consolidou tanto no cenário nacional quanto latino-americano em decorrência do rigor científico dos seus eventos e da credibilidade construída ao longo dos 45 anos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte que serão comemorados neste ano de 2023. O Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) em sua vigésima terceira edição e o Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE) em sua décima experiência objetivam ampliar seu diálogo internacional na perspectiva de estabelecer parcerias e protocolos de cooperação no que diz respeito ao incentivo à realização de intercâmbios junto aos grupos de pesquisa, instituições e entidades científicas de forma a ampliar as bases da soberania nacional e da cooperação internacional, principalmente com pesquisadoras/es, grupos e instituições na América Latina (CBCE,2023).

A presente pesquisa trata de um estudo bibliográfico e de abordagem quantitativa/qualitativa, por ter sido feito uma análise da produção científica de um evento científico da área, no sentido de identificar e mapear a quantidade do que se produziu a respeito do tema e conhecer quem/e o que vem se produzindo sobre as questões de gênero na Educação Infantil. Entende-se por pesquisa bibliográfica, levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica como são chamadas as pesquisas desse tipo, a revisão da

literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico, em que podem ser realizadas em artigos, periódicos, livros, internet, entre outras fontes.

A pesquisa bibliográfica, segundo Boccato (2006),

[...] busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação (BOCCATO, 2006, p. 266).

Para a obtenção de dados, foi realizado uma pesquisa nos Anais do “CONBRACE E CONICE” nas últimas dez edições (2003⁵, 2005, 2007, 2009, 2011, 2013, 2015, 2017, 2019 e 2021). A opção por analisar as produções publicadas sobre gênero na Educação Infantil, nessas edições desse evento, se justifica por ser a primeira edição do evento no qual o mesmo se torna oficialmente um evento internacional.

A fim de acessar os Anais, foi utilizado o link <https://www.cbce.org.br/anais/>. Inicialmente para o levantamento dos dados, as palavras-chave: “Gênero”, “Ensino Infantil” e “Educação Infantil” começaram ser utilizadas como critério de busca no GTT Gênero (criado em 2015), GTT Escola e o GTT Corpo e Cultura, por serem GTTs que aparentemente teriam a maior possibilidade de abranger a temática em seus trabalhos, por serem grupos de trabalhos que focam suas produções em assuntos escolares, de gênero e as práticas corporais.

Devido à dificuldade em pesquisar com o uso dos descritores nos Anais mais antigos, ao verificar que haviam possíveis trabalhos que tratavam do tema com outros termos em seus títulos e subtítulos e também observar que haviam trabalhos que provavelmente abordavam tal temática em outros GTTs, definiu-se que o levantamento seria realizado em todos os GTTs (Atividade Física e Saúde, Comunicação e Mídia, Corpo e Cultura, Epistemologia, Escola, Formação profissional e Mundo do Trabalho, Gênero, Inclusão e Diferença, Lazer e Sociedade, Memórias da Educação Física e Esporte, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Treinamento Esportivo), a partir da

⁵ Os Anais da edição de 2003 não se encontra disponíveis online. Foi feita uma solicitação via *e-mail* disponível no *site* do CBCE, no qual foi recebido uma pasta *online* no *Google Drive* contendo os Anais do congresso de 2003.

leitura dos títulos e subtítulos de cada trabalho, focando e atento às palavras e termos que poderiam levar a identificar os trabalhos que tratavam da temática em questão.

Ao final dessa busca, foram encontrados 198 trabalhos que teriam a possibilidade de tratar a temática de gênero na Educação Infantil. Após selecionar os trabalhos, foi feita a leitura do resumo de cada um deles. Como critério de seleção, foram excluídos trabalhos que não abordavam a questão na Educação Infantil, que trazem o termo gênero para distinguir sexos e produções que não abordam as discussões de gênero no sentido sociocultural. Em seguida, foi elaborado um quadro ilustrativo com o número de trabalhos selecionados, um total de 19, como segue:

Quadro 1. Informações referentes ao número de trabalhos prováveis e trabalhos selecionados sobre gênero na Educação Infantil.

Anais	Trabalhos Prováveis	Trabalhos Selecionados
2003	14	0
2005	22	3
2007	15	4
2009	25	1
2011	15	1
2013	21	1
2015	20	3
2017	17	3
2019	28	2
2021	21	1
TOTAL	198	19

Fonte: Elaborado pelo autor

Após a seleção dos trabalhos científicos, foi identificado o nome do/a autor/a, objetivo geral e principais resultados. Por último, após uma leitura de cada produção, foi feito algumas reflexões que nos levou a identificar os subtemas assim como o que eles revelam e as lacunas existentes. O quadro a seguir, traz o ano do Congresso, título e subtítulo das produções, os/as autores e o GTT que foi publicado.

Quadro 2. Informações referentes ao ano do evento, autoria, GTT e título dos trabalhos selecionados.

Ano	Autoria	GTT	Título do Trabalho
2005	Julia G. Feitosa; Elaine Romero	Corpo e Cultura	As questões de gênero como influenciadoras na decisão dos responsáveis por crianças de 4 a 6 anos, com distúrbios articulatórios, na conduta motora oral, que buscam auxílio da fonoaudiologia.

2005	Michele Carbinatto; Renata P. Zuzzi	Corpo e Cultura	Educação física infantil, corpo e gênero: analisando relações e interferências.
2005	Denise I. Rangel	Epistemologia	Função mediadora da ação corporal na brincadeira simbólica: a significação do movimento.
2007	Marcilio S. Vieira	Memórias da EF e Esporte	Por uma Educação Física com sabor: possibilidades e desafios no ensino infantil.
2007	Ana Crist. Richter	Corpo e Cultura	Uma investigação sobre a educação do corpo na rotina de uma creche: notas sobre a Educação Física e seu lugar.
2007	Joélcio F. Pinto; Tarcísio M. Vago; Luciano M. F. Faria	Corpo e Cultura	Representações de esporte e Educação Física na ditadura militar: uma leitura a partir da revista de história em quadrinhos dedinho (1969-1974).
2007	Luciano S. Coelho; Cláudio R. Lima	Escola	A Educação Física em uma escola da infância de tempo integral: construindo um projeto político-pedagógico
2009	Marco P. Stigger Ileana W; Luis E. C.Thomassim	Corpo e Cultura	Os significados das vivências corporais de crianças em espaços de lazer em Porto Alegre e Curitiba.
2011	Vanessa Francischi, <i>et al</i>	Epistemologia	A pesquisa de gênero: produção científica em revistas da Educação Física brasileira de 2000 a 2008.
2013	Nara R. de Oliveira; Zilma R. de Oliveira	Escola	Corpo e movimento em práticas cotidianas na Educação Infantil.
2015	Amanda R. Pereira; Maria C. M. Pinheiro	Gênero	Gênero nas interações infantis e o brincar na Ludoteca UFG.
2015	Mayrhone J. A. Farias; Ingrid D. Wiggers	Corpo e Cultura	Análise de publicações em periódicos da educação física acerca da temática brincadeiras de luta e cultura infantil (2004-2013).
2015	Vandélma S. O. Rios; Michael D. P. Ramos	Escola	A presença da Educação Física na Educação Infantil do colégio Gilberto Dias de Miranda: uma relação construída a partir do PIBID/UNEB – Jacobina/BA.
2017	Arliene S.M. Pereira; Daniel P. Gomes; Ruan G. Fernandes	Corpo e Cultura	Memórias da infância no sertão central do Ceará.
2017	Juliana Pelluso; Mauricio Linden; Fabiano Devide	Gênero	Coeducação e Educação Física escolar: produção de material didático.
2017	Geovânia S. Mota, <i>et al.</i>	Formação Prof. e Mundo do Trabalho	Problematizando as brincadeiras na Educação Infantil a partir da perspectiva cultural.
2019	Erlânia P da Silva, <i>et al.</i>	Gênero	Estágio supervisionado 1: análise das relações de gênero na Educação Infantil.
2019	Ana C Eugênio; Ana R C A. Silveira; Carla C Ramalho	Inclusão e Diferença	O <i>Bullying</i> como fator de desmotivação nas aulas de Educação Física.
2021	Leonardo de C Duarte	Escola	Educação Física cultural na Educação Infantil: imagens narrativas produzidas com professoras e crianças.

Fonte: Elaborado pelo autor

Ao final do processo de leitura dos 198 resumos, foram selecionados dezenove (19) trabalhos para compor a amostra de análise, os quais foram escritos em sua maior parte por autoras mulheres, totalizando uma porcentagem de 68,4% das produções. O GTT com maior número de publicações foi o GTT Corpo e Cultura, com sete (7) trabalhos.

Podemos observar também no Quadro 3, os contextos escolares dos trabalhos que justificaram a realização dos estudos e o desfecho das produções, ou seja, as conclusões de cada um sobre tais questões.

Após a seleção dos trabalhos científicos e da identificação de alguns tópicos no quadro 2, busca-se na primeira parte do trabalho, intitulado **Referencial Teórico**, no subitem O direito à Educação Infantil no Brasil, compreender melhor como se originou as primeiras instituições de Educação Infantil, o objetivo delas e alguns documentos que garantem o direito à educação e ingresso das crianças em creches, pré-escolas e jardins de infância. Em seguida, no subitem Educação generificada e Educação Infantil, busca-se apresentar uma breve história da formulação de gênero enquanto categoria de análise e a importância de seu ensino nas instituições de Educação Infantil, para que dessa forma seja possível uma melhor análise e interpretação das produções selecionadas. No terceiro momento do trabalho, intitulado Apresentação e Análise das Informações, apresenta-se as informações levantadas para o mapeamento das produções publicadas no maior evento científico da área, que tratam sobre as questões de gênero na Educação Física da Educação infantil. Também responder quais pessoas e/ou grupos que estão escrevendo sobre o assunto, a quantidade de trabalhos produzidos em cada edição, o que demandou o estudo/justificativa e qual sua finalidade e se há proposições pedagógicas sobre o tema na Educação Física da Educação Infantil.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O direito à Educação Infantil no Brasil

A Educação Infantil no Brasil nem sempre foi um direito às famílias que necessitavam desse serviço e dever do Estado em promovê-lo. Durante muitos anos, a educação da criança foi responsabilidade da família, por muito tempo não havia uma instituição responsável por compartilhar e ajudar as mães, pais e/ou cuidadores com a educação do/as filhos/as. Conforme Craidy e Kaercher (2001):

Era junto aos adultos e outras crianças com os quais convivia que a criança aprendia a se tornar membro deste grupo, a participação das tradições que eram importantes para ele e a dominar os conhecimentos que eram necessários para a sua sobrevivência material e para enfrentar as exigências da vida adulta.” (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p.13).

A partir dessa citação sobre a Educação Infantil, devemos compreender a história por trás. Segundo Fuly (2012), as instituições infantis tiveram sua origem a partir da chegada da Revolução Industrial e do Sistema Fabril, no qual ocorreu uma reestruturação das camadas operárias na sociedade europeia, que adotou o uso de máquinas, abrindo novas oportunidades para as mulheres se integrarem à classe trabalhadora, ocasionando assim mudanças significativas na estrutura familiar de suas casas. Dessa maneira, as mães que trabalhavam nas fabricas e não tinham a quem recorrer para os cuidados dos/as filhos/as, utilizavam o trabalho de “mães mercenárias”, ou seja, mulheres que não eram operárias e vendiam seus serviços para cuidar e abrigar dos/das filhos/as de outras mulheres, mas que para Rizzo (2003), não era algo bom para as crianças.

Criou-se uma nova oferta de emprego para as mulheres, mas aumentaram os riscos de maus tratos às crianças, reunidas em maior número, aos cuidados de uma única, pobre e despreparada mulher. Tudo isso, aliado a pouca comida e higiene, gerou um quadro caótico de confusão, que terminou no aumento de castigos e muita pancadaria, a fim de tornar as crianças mais sossegadas e passivas. Mais violência e mortalidade infantil. (RIZZO, 2003, p. 31).

O significado sobre infância só passou ser relevante quando as crianças são vistas como parte integrante da família e da sociedade, quando o Estado passa a se preocupar em protegê-la. Dessa maneira, no Brasil de acordo com Fuly (2012):

[...] o discurso sobre o cuidado a criança começa a surgir por volta do Século XIX. Com a industrialização e crescente urbanização brasileira, a mulher começa a ingressar no mercado de trabalho, necessita de um local para deixar sua criança, com isso, as creches nascem com a finalidade de atender uma determinada classe da sociedade, a classe trabalhadora feminina, que passava muitas horas nas fábricas e cujos filhos pequenos precisavam de cuidados

durante esse período. Dessa forma, o cuidar nasce como principal atividade executada nestes locais, que até então, estavam sob jurisdição da Secretaria da Assistência Social.” (FULY, 2012, p. 87).

Embora as instituições de Educação Infantil tenham começado com foco nas áreas assistenciais e de cuidados, Kuhlmann (2001) destaca que esses lugares também empenharam em abordar questões educacionais desde o início. Elas se apresentaram como ambientes pedagógicos, preocupados não apenas com os cuidados, mas também com o ensino. Seguindo seus objetivos, esses espaços tinham como propósito que as crianças aprendessem uma variedade de habilidades como desenvolver hábitos de obediência e bondade, reconhecer as letras do alfabeto, falar corretamente e assimilar noções de moralidade e religião.

Os estudos que atribuem aos Jardins de Infância uma dimensão educacional e não assistencial, como outras instituições de educação infantil, deixam de levar em conta as evidências históricas que mostram uma estreita relação entre ambos os aspectos: a que a assistência é que passou, no final do século XIX, a privilegiar políticas de atendimento à infância em instituições educacionais e o Jardim de Infância foi uma delas, assim como as creches e escolas maternas. (KUHLMANN, 2001, p. 26).

Discutidas as condições que possibilitaram a criação das creches e pré-escolas. É importante focar e analisar nos dias atuais, a que objetivos elas se propõem e, a partir daí, verificar como elas se organizam para cumprir esta função.

De acordo com o Ministério da Educação, a Educação Infantil constitui a primeira fase da Educação Básica e nos últimos tempos, foi reconhecida como um direito da criança e das famílias, além de ser uma responsabilidade do país. Portanto, o Estado precisa contar com elementos como os conselhos municipais, estaduais e nacionais de direito, bem como os conselhos tutelares, a fim de articular políticas públicas que atendam principalmente às necessidades de saúde, educação e assistência às crianças pequenas (BRASIL, 2018).

De acordo ainda com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), ao longo das últimas décadas, tem se fortalecido na Educação Infantil a visão que estabelece uma ligação inseparável entre “educar e cuidar”, reconhecendo o cuidado como uma parte integrante do processo educativo. Dentro desse contexto, as creches e pré-escolas têm o papel de acolher as experiências e os saberes desenvolvidos pelas crianças em suas

famílias e comunidades, e de articulá-los em suas abordagens pedagógicas. Dessa forma, o objetivo da Educação Infantil é:

Ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. (BRASIL, 2018, p. 36).

Ainda de acordo com a BNCC, A Educação Infantil assegura seis direitos fundamentais de "aprendizagem e desenvolvimento", que garantem que as crianças tenham as condições necessárias para aprenderem de forma ativa em situações desafiadoras, estimulando-as a resolver problemas. Além disso, proporciona ambientes que permitem que elas construam significados sobre si mesmas, os outros e o mundo social e natural (BRASIL, 2018).

Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.

Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.

Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (BRASIL, 2018, p. 38).

Ao analisarmos tais direitos fundamentais, podemos refletir se há a mesma garantia deles para meninos e meninas, pois ainda há muitas condutas e padrões de educação e escolarização que estão pautadas na maneira de agir, nos costumes e comportamentos e impõe uma série de hábitos considerados “masculinos” e “femininos”, que possivelmente dificultam esses direitos a serem garantidos igualmente para as

crianças. Dessa maneira, podemos perceber o quão necessário é formação inicial e continuada de profissionais para que não deixem de estimular e assegurar da melhor forma para toda turma tais direitos fundamentais. Também podemos analisar a influência e presença das discussões de gênero desde a Educação Infantil, no qual este trabalho se estrutura, tema desenvolvido no subtópico que segue, para tratar da Educação generificada e da importância dessa discussão no processo de escolarização.

Educação generificada e Educação Infantil

Retomando as palavras de Louro (1997) na Introdução, as palavras têm histórias e fazem histórias, dessa maneira devemos compreender e discutir o conceito de gênero a partir de sua longa jornada e não apenas baseada no senso comum. Embasada nos estudos de Scott; Louro (1995) afirma que o conceito de gênero está ligado diretamente à história do movimento feminista, que vem sofrendo opressões, discriminações, segregamento e silenciamento a muito tempo, assim, devemos compreender um pouco desse movimento.

Dessa maneira, conforme Louro (1997), no final dos anos de 1980, tornou-se evidente a marcante presença do conceito de gênero nas mídias, livros e contextos relevantes, em que os termos "mulher" e "homem" são utilizados para se referir a gênero, que é estabelecido no processo biológico. Vale ressaltar que de acordo com essa mesma autora esse movimento já estava ocorrendo nos anos 70, quando as feministas anglo-saxãs começaram a fazer distinções entre os termos "sexo", enfatizando o aspecto biológico, ao abordar, debater e problematizar essas questões que são semanticamente distintas.

Em suas produções, Scott (1995) fala que ao compreender gênero no processo biológico, naturalizava o que era socialmente construído e tornava as diferenças biológicas entre as pessoas, em desigualdades sociais, submetendo as mulheres a formas de opressão e violências praticadas em nome de uma suposta "superioridade masculina" inventada por homens. A concepção do termo gênero surge a partir de diversas correntes epistemológicas feministas, que evidenciam as relações de poder historicamente exercidas pelos homens, influenciando a construção de sentidos e significados na organização e percepção do conhecimento.

A origem do conceito de gênero deriva, portanto, de diversas abordagens epistemológicas feministas, que revelam as relações de poder historicamente exercidas pelos homens, estabelecendo e moldando sentidos e significados na estrutura e compreensão do conhecimento.

Então, para compreender o conceito de Gênero, de acordo com Louro (1997) devemos entender o lugar e as relações de mulheres e homens em uma sociedade e o que foi construído socialmente sobre os sexos. Nesse contexto, Scott (1995) argumenta que gênero não se trata apenas das relações entre homens e mulheres, mas sim de uma categoria teórica que abrange um conjunto de significados e símbolos construídos com base na percepção da diferença sexual. Esses significados são utilizados para compreender o universo observado em sua totalidade, incluindo as relações sociais e, mais especificamente, as relações entre homens e mulheres. Nesse sentido, Scott nos apresenta uma definição de gênero:

Gênero é a organização social da diferença sexual percebida. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo, já que nada no corpo [...] determina univocamente como a divisão social será estabelecida. (SCOTT, 1995, p. 13)

Para Louro (1997) não devemos compreender gênero a partir dos “papéis” masculinos e femininos, pois são padrões que a sociedade estabelece às pessoas e define como vestir, agir, falar, etc. Dessa maneira, a autora apresenta uma definição a qual devemos compreender gênero:

A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. E aqui nos vemos frente a outros conceitos complexos que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade. Numa aproximação às formulações mais críticas dos estudos feministas e dos estudos culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidade plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditório. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos-éticos, sexuais, de classe, de gênero, etc. (LOURO, 1997, p. 24).

Louro (1997) fala também que precisamos entender que gênero

[...] é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são ‘generificadas’, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a “ideia” de formação, socialização ou educação dos sujeitos. (LOURO, 1995, p. 103).

A partir dessa afirmação da autora, entendemos que a escola é uma das instituições sociais na qual o gênero seria uma categoria imersa, ou seja, está presente no cotidiano de todos/as que a compõe. Segundo Vianna e Ridenti (1998), a instituição educacional, como um ambiente onde ocorrem interações baseadas em gênero, tem o potencial de gerar

estereótipos, preconceitos, resistências, bem como novos valores e atitudes que reforçam as visões predominantes sobre as relações entre homens e mulheres na sociedade. De acordo com as autoras, a escola não apenas perpetua estereótipos de gênero, mas também contribui de maneira equivocada, concedendo privilégios desiguais entre os sexos.

A partir das afirmações das autoras e dos estudos sobre gênero, podemos compreender o quanto é significativo trabalhar essa temática nas escolas. Desde a Educação Infantil é fundamental para promover a igualdade de gênero, desconstruir estereótipos, combater as discriminações e criar um ambiente de respeito e valorização da diversidade, pois é principalmente nessa faixa etária em que há a construção do masculino e feminino, dos comportamentos esperados para meninos e meninas e há também a dicotomia nos brinquedos, brincadeiras e a divisão do mundo entre rosa e azul (FARIAS, 2022). Dessa maneira, ao trabalhar questões de gênero desde a Educação Infantil é possível contribuir para a formação de cidadãos/ãs mais conscientes, críticos/as e preparados/as para viver em uma sociedade plural.

Oferecer esse breve panorama acerca do conceito de gênero sob a ótica feminista e sobre a importância de se trabalhar essa temática nas instituições de ensino e Educação Infantil, é relevante para adentrarmos o tema abordado nesta pesquisa, que visa conhecer e analisar o conteúdo das produções sobre gênero na Educação Infantil, publicados nos últimos dez Anais do evento “CONBRACE & CONICE”.

Dessa maneira, o próximo subtópico objetiva identificar os/as autores/as dos trabalhos mapeados, identificar quem são as pessoas mais acionadas referencialmente nessas produções, o que demandou o estudo, ou seja, sua finalidade, assim como as possibilidades pedagógicas apresentadas como propostas de mediação de conhecimento, no que se refere as questões de gênero na Educação Infantil.

3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Esta parte da pesquisa, objetiva descrever o mapeamento dos trabalhos apresentados no maior evento científico da área, que tratam sobre as questões de gênero na Educação Física na Educação infantil. Após realizar uma busca *online* no *site* do evento e entrar em todos os GTTs, fazendo a leitura dos títulos e subtítulos das produções, atentando a todas que no título e nas palavras-chave. Chegou-se a um total de 198 trabalhos, os quais foram lidos todos os resumos, tendo como critério de seleção abordar as questões de gênero na Educação Infantil, não sendo necessariamente exclusivo a essa etapa. Os trabalhos que se valiam do termo gênero para distinguir sexo e produções que não abordavam as discussões de gênero no sentido sociocultural, foram eliminadas do levantamento.

Ao final, foram selecionados dezenove (19) trabalhos para compor a amostra de análise. Desses, treze (13) trabalhos foram escritos em sua maior parte por mulheres (68,4%), no qual são autoras, sem levar em consideração aqueles que são coautoras.

O GTT com maior número de publicações sobre a temática gênero na Educação Infantil foi o Corpo e Cultura, com um total de sete (7) produções, no qual abrange estudos que objetivam destacar o corpo, a corporeidade, as práticas corporais com redes de culturas (tradicional e/ou contemporâneas), enfatizando discussões teórico metodológicas que dissertem acerca de questões que enfoquem a indissociabilidade corpo/cultura a partir de diversas possibilidades nos campos das ciências humanas, sociais e das artes, (CBCE,2023).

O segundo GTT com maior número de publicações foi o GTT Escola, com quatro (4) trabalhos, seguido pelo GTT Gênero com três (3) publicações, GTT Epistemologia com duas (2) publicações e o GTT Memórias da Educação Física e Esporte, GTT Formação Profissional e Mundo do Trabalho e GTT Inclusão e Diferença com uma (1) publicação em cada.

Os GTTs Atividade Física e Saúde, Comunicação e mídia, Lazer e Sociedade, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Treinamento Esportivo não tiveram nenhuma publicação de trabalhos relacionados a temática de gênero na Educação Infantil. Podemos observar que além dos GTTs que inicialmente teria a maior possibilidade de encontrar produções com a temática em questão (Escola; Gênero e Corpo e Cultura), identificou-se um maior número de publicações em GTTs que inicialmente não seriam analisados, como os GTTs Epistemologia; Memórias da Educação Física e Esporte; Formação Profissional

e Mundo do Trabalho e Inclusão e Diferença, os quais desenvolveram temáticas como a função mediadora da ação corporal na brincadeira simbólica; as reflexões de possibilidades e desafios do ensino da Educação Física na Educação Infantil; produções científicas sobre gênero em revistas da Educação Física brasileira; o *bullying* como fator de desmotivação nas aulas de Educação Física; problematização das manifestações corporais da Educação Infantil a partir da perspectiva cultural.

Além disso, podemos observar também que o maior número de trabalhos não está publicado no GTT Gênero, que inicialmente foi imaginado que teria a maior possibilidade de estudos sobre tal temática, que de acordo com informações retiradas do site do CBCE, tem como estudos os processos sociais, culturais e históricos por meio dos quais as práticas corporais constituem e são constituintes do gênero, a partir de diferentes referenciais teórico-metodológicos, que atravessam a Educação Física e as Ciências do Esporte. Contudo, devemos levar em consideração, que o ano de sua criação foi em 2013, ou seja, não estava presente nas cinco (5) primeiras edições do evento “CONBRACE & CONICE”, que teve um total de nove (9) publicações das dezenove (19) selecionadas.

Outra observação que podemos destacar nas produções selecionadas sobre gênero na Educação Infantil é quem são os/as autores/as mais acionado/as referencialmente. O qual Bracht foi identificado como o autor mais citado, em um total de cinco (5) produções (COELHO, 2007; PINTO; VAGO; FARIA, 2007; RICHTER, 2007; VIEIRA, 2007; FARIAS, 2015). O trabalho de Bracht é focado principalmente na área da Educação Física, em que é reconhecido por suas contribuições teóricas e práticas no campo escolar, com ênfase em questões Educação Física escolar, formação continuada de professores, educação e epistemologia.

A autora Ayoub, ficou em segundo lugar, aparecendo em um total de três (3) produções (VIEIRA, 2007; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013; SILVA; *et al* 2019), em que foi acionada para trazer conhecimentos sobre a Educação física na Educação Infantil. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, também foi encontrada em três (3) produções (COELHO, 2007; PINTO; VAGO; FARIA, 2007; VIEIRA, 2007), sendo citada para definir e organizar a educação no Brasil, da Educação Infantil até o superior. Seu objetivo é assegurar o direito social à educação a todos os estudantes brasileiros (BRASIL, 1996).

Outros/as autores/as acionados/as referencialmente para a elaboração dos trabalhos selecionados sobre gênero na Educação Infantil foram Judith Butler, Roseli Fontana, João Batista Freire, Silvana Goellner, Guacira Louro, Zilma Oliveira, Deborah Sayão, Joan

Scott, Carmen Soares e Maurice Merleau-Ponty, a/os quais foram recorrido/as em duas (2) produções levantadas.

Ao analisar o Quadro 3, que traz informações referentes a justificativa para a realização dos estudos, observa-se contextos escolares que houve demanda de manifestações generificada, ou seja, os fundamentos para as realizações dos estudos, como segue:

Quadro 3. Informações referentes ao título do trabalho, autoria, ano de publicação, finalidade do estudo e os principais resultados.

Título/Autoria/Ano	Finalidade do estudo	Principais Resultados
As questões de gênero como influenciadoras na decisão dos responsáveis por crianças de 4 a 6 anos, com distúrbios articulatorios, na conduta motora oral, que buscam auxílio da fonoaudiologia. (FEITOSA; ROMERO, 2005)	Verificar se as questões de gênero influenciam na decisão dos responsáveis por crianças de 4 a 6 anos com distúrbios articulatorios, na conduta motora oral, a buscarem auxílio da Fonoaudiologia.	As questões de gênero influenciam na decisão dos responsáveis por crianças de 4 a 6 anos, com distúrbios articulatorios, na conduta motora oral, buscarem auxílio da Fonoaudiologia de forma diferenciada para meninos e meninas e essa diferenciação encontra-se na relação direta do grau de escolaridade e do nível socioeconômico.
Educação física infantil, corpo e gênero: analisando relações e interferências. (CARBINATTO; ZUZZI, 2005).	Analisar e superar as imagens “naturalizadas” que podem ser transferidas para a Educação Física Infantil, onde profissionais podem estar reforçando comportamentos sexistas em suas práticas pedagógicas desde a infância.	A Educação Física Infantil, o Gênero e o Corpo possuem relações e análises infinitas, e merecem destaque por possibilitar e buscar uma maior compreensão do ser humano, do ser corpo relacional e existencial que a partir de suas semelhanças e diferenças visa sua transcendência.
Função mediadora da ação corporal na brincadeira simbólica: a significação do movimento. (RANGEL, 2005).	Aprofundar no aspecto da construção da função simbólica para a interlocução comunicativa, aquisição da linguagem e interação da criança com seu meio e com o outro, permeada pela variabilidade da ação motora.	O ato de brincar, na imitação ou criação representativa, refletidos pelo movimento, num ato comunicativo/expressivo e permeados pela linguagem, traduz os pensamentos e elaborações significativas no processo de interação do sujeito com os objetos, com as situações e com os outros, ou seja, na sua relação com o mundo ao qual pertence.
Por uma educação física com sabor: possibilidades e desafios no ensino infantil. (VIEIRA, 2007).	Refletir o ensino da Educação física no Ensino Infantil, contribuindo para reflexão de práticas corporais nessa primeira fase da educação assumindo a fenomenologia como metodologia.	A escola deve fazer uma relação dos conteúdos da EF para a Educação Infantil, essa seleção e organização de conteúdos exige coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade, o conhecimento denominado de cultura corporal visando apreender a expressão corporal como linguagem, assim como compreender a importância e concepções de ensino de EF nas escolas infantis.
Uma investigação sobre a educação do corpo na rotina de uma creche: notas sobre a educação física e seu lugar. (RICHTER, 2007).	Importância de estudos sobre a educação do corpo na infância	Não apenas nas aulas de EF, mas nos momentos de higiene, alimentação, sono, atividades orientadas, parque - que conformam a Rotina de trabalho - o corpo reconhece o prazer e a dor. Ele é o <i>locus</i> da experiência, de sua danificação,

		quando marcado por dolorosos processos de ajustamento, modelagem, regulação, disciplinamento; por premiações, elogios, ameaças, condenações levadas para casa em silêncio ao findar do dia. O cotidiano da/na creche aparece fortemente marcado por práticas que incidem sobre o corpo.
Representações de esporte e educação física na ditadura militar: uma leitura a partir da revista de história em quadrinhos dedinho (1969-1974). (PINTO; VAGO; FARIA, 2007).	Construir uma História Cultural dos impressos relacionados com a disciplina de Educação Física e seus conteúdos, além de problematizar o impacto destes na conformação de práticas esportivas para a escola e na construção de representações acerca da Educação Física e do esporte.	O grande número de investigações de natureza histórica que o período aqui considerado pode permitir, tanto na construção de uma história cultural dos impressos relacionados à EF e ao esporte, como também na investigação das apropriações e dos usos desses impressos, por professores e alunos, nas escolas. São investigações que certamente contribuirão para conhecer mais a respeito dos impactos das políticas de governo na conformação da EF.
A educação física em uma escola da infância de tempo integral: construindo um projeto político-pedagógico. (COELHO; LIMA, 2007).	Superar o desafio de construir uma proposta de trabalho para uma escola da infância de tempo integral.	A Educação Física, como uma área do conhecimento cujo objeto de estudo constitui o sentido/significado do movimento, precisa levar em consideração o contexto do educando, assim como suas experiências e conhecimentos.
Os significados das vivências corporais de crianças em espaços de lazer em porto alegre e Curitiba. (STIGGER; WENETZ; THOMASSIM, 2009).	Investigar as práticas culturais desenvolvidas por grupos de crianças que frequentam espaços informais e quase formais da cidade.	Compreender a experiência cultural das crianças requer considerar -relacionalmente - suas experiências nos diversos círculos de relações sociais que frequentam, como: suas famílias, a escola, outro projeto de que apenas eventualmente participa, e ainda, de outros círculos culturais, quer sejam grupos de interesse ou grupos de idade
A pesquisa de gênero: produção científica em revistas da educação física brasileira de 2000 a 2008. (FRANCISCHI; <i>et al</i> , 2011).	Carência da prática investigativa acadêmica, na área da educação física, tem evidenciado no que se refere às buscas de referencial na análise das questões de gênero.	A partir do reconhecimento dos problemas apresentados pelas pesquisas e da resistência da sociedade às mudanças sociais que possam fragilizar comportamentos historicamente assumidos, entende-se a necessidade de avançar na pesquisa científica, para que esta possa caminhar no sentido da construção de novas teorias e oferecer novas possibilidades de análise. Neste sentido, novas pesquisas podem subsidiar possíveis intervenções a fim de modificar as práticas pedagógicas da educação física escolar, bem como outros campos da educação física e promover o respeito às diferenças e à equidade social.
Corpo e movimento em práticas cotidianas na educação infantil. (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013).	Analisar as práticas pedagógicas cotidianas de professores de Educação Infantil, no que se refere ao corpo e movimento.	A formação inicial e continuada dos professores, em certa medida tem dado conta de fazer com que os professores se apropriem dos novos conhecimentos da EI. No entanto, a prática evidencia a dicotomia teoria e prática, (...) indicando a necessidade de uma formação que garanta subsídios para que os professores possam refletir e construir práticas

		cotidianas fundamentadas em um olhar crítico sobre a criança e sua corporeidade.
Gênero nas interações infantis e o brincar na Ludoteca UFG. (PEREIRA; PINHEIRO, 2015).	Analisar como se dá as interações criança-criança e criança brinquedos a partir do recorte de cenas vide gravadas em momentos de brincadeiras livres.	O brincar livre mostra as marcas educativas e culturais trazidas pelas crianças. Assim, o espaço da ludicidade comporta tanto a reprodução de papéis sociais quanto a criação de outros tipos de interação humana, movimento no qual é fundamental que haja alguma mediação dos adultos que compartilham esses momentos com as crianças, na busca por ampliar sua capacidade de compreensão de sensibilidade ao outro.
Análise de publicações em periódicos da educação física acerca da temática brincadeiras de luta e cultura infantil (2004-2013). (FARIAS; WIGGERS, 2015).	Interpretar as várias dimensões que permeiam as brincadeiras de luta, sobretudo aquelas que são partilhadas na experiência infantil.	Todas as discussões apontam o interesse das crianças pelas brincadeiras de luta, mas nenhum deles buscou o significado das próprias brincadeiras de luta a partir do olhar das crianças.
A presença da educação física na educação infantil do colégio Gilberto Dias de Miranda: uma relação construída a partir do PIBID/UNEB – Jacobina/BA. (RIOS; RAMOS, 2015).	Necessidade de uma discussão ampliada acerca da presença da Educação Física nas séries iniciais.	As aulas de educação física no COMUJA estão dando resultados e a cada dia percebemos as mudanças, na aceitação dos novos conteúdos pelos alunos. A parceria do programa de iniciação à docência, vem demonstrando eficiência no que tange a identificação e solução de problemas pedagógicos.
Memórias da infância no sertão central do Ceará. (PEREIRA; GOMES; FERNANDES, 2017).	Compreender o modo de ser criança na contemporaneidade.	Foi possível diagnosticar a influência do ambiente geográfico e aspectos culturais, como a forte religiosidade dessa região com as brincadeiras que eram realizadas pelas crianças.
Coeducação e educação física escolar: produção de material didático. (PELLUSO; LINDEN; FABIANO, 2017).	Ressignificar a prática docente da Educação Física escolar, possibilitando a reflexão sobre as relações de gênero na Educação física.	Divulgar o material entre licenciandos/as de Prática de Ensino do curso de Licenciatura em EF, instrumentalizando-as para intervirem na EF escolar numa perspectiva coeducativa, refletindo sobre essas questões no cotidiano de suas práticas. Após, oferecer um curso de extensão, utilizando este material como apoio didático.
Problematizando as brincadeiras na educação infantil a partir da perspectiva cultural. (MOTA, <i>et al</i> ; 2017).	Identificar e problematizar as práticas corporais presentes no universo cultural daqueles alunos.	Uma vez que esta prática permeia o cotidiano dos alunos, precisa ser problematizada, vivenciada e resignificada no âmbito escolar, atribuindo sentido e significado às diversas manifestações corporais.
Estágio supervisionado I: análise das relações de gênero na educação infantil. (SILVA, <i>et al</i> ; 2019).	Necessidade de professores de Educação Física atuarem desde os anos iniciais de formação dos escolares, educando-os e dialogando com a realidade social e com as questões de gênero pertinentes ao nível de aprendizagem.	As relações de gênero influenciam na prática pedagógica, formação e/ou aprendizado das crianças, visto que elas trazem traços socioculturais marcantes à escola e esses são reproduzidos nas suas interações; quando o/a professor(a) não se atenta, nem trata dessas questões, eles podem aparecer de modo mais contundente nos ciclos seguintes de ensino.
O Bullying como fator de desmotivação nas aulas de	Entender o que é o bullying e pensar como a comunidade	Começar o trabalho anti- <i>bullying</i> desde a Educação Infantil até o ensino médio,

educação física. (EUGÊNIO; SILVEIRA; RAMALHO, 2019).	escolar deve agir perante essas situações.	mostrando que todos são iguais, não importando a condição física, nível de força, gênero ou situação social; deve ser feito com o apoio de toda a comunidade escolar. Não deixar de agir, de maneira coerente e imediata quando um incidente de <i>bullying</i> ocorrer.
Educação física cultural na educação infantil: imagens narrativas produzidas com professoras e crianças. (DUARTE, 2021).	Evidenciar pertinências de um currículo cultural da Educação Física na Educação Infantil.	Defender a tese da pertinência e da potência de experiências culturalmente orientadas da Educação Física na/com a Educação Infantil (...), pois se trata de uma “pedagogia engajada”, que exige ativismo político e interesse de luta pela afirmação das diferenças e construção de uma sociedade menos desigual, mais justa e democrática.

Fonte: Elaborado pelo autor

Dessa maneira, podemos agrupar os textos em 5 categorias diferentes de contextos que levaram à elaboração das produções selecionadas, sendo eles: Análises nas práticas pedagógicas e corporais na Educação Infantil; Pesquisas históricas na área da Educação Física; A importância da Educação Física na Educação Infantil; O currículo da Educação Física na escola; Outros.

Quadro 4. Informações referentes as temáticas afins identificadas nos trabalhos mapeados

Temática	Produções
Análises nas práticas pedagógicas e corporais nos na Educação Infantil	CARBINATTO; ZUZZI, 2005. VIEIRA, 2007. RICHTER, 2007. STIGGER; WENETZ; THOMASSIM, 2009. OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013. FARIAS; WIGGERS, 2015. PEREIRA; GOMES; FERNANDES, 2017. MOTA; <i>et al</i> , 2017. PELLUSO; LINDEN; FABIANO, 2017.
Pesquisas históricas na área da educação física	FRANCISCHI; <i>et al</i> , 2011. PEREIRA; PINHEIRO, 2015. PINTO; VAGO; FARIA, 2007. FEITOSA; ROMERO, 2005.
A importância da Educação Física na educação infantil	RIOS; RAMOS, 2015; SILVA; <i>et al</i> , 2019.
O currículo da Educação Física na escola	COELHO; LIMA, 2007; DUARTE, 2021.
Outros	RANGEL, 2005; EUGÊNIO; SILVEIRA; RAMALHO, 2019.

Ao ler e interpretar os trabalhos mapeados, é possível identificar que a temática mais desenvolvida entre as produções foi “Análises nas práticas pedagógicas e corporais na Educação infantil”, com nove (9) estudos, que representam um total de 47,3% dos dezoito.

A questão sobre as análises nas práticas pedagógicas e corporais na Educação Infantil trouxe questões relacionadas: tanto para superar as imagens “naturalizadas” que podem

ser transferidas para a Educação Física da Educação Infantil, em que profissionais podem estar reforçando comportamentos sexistas em suas práticas pedagógicas (CARBINATTO; ZUZZI, 2005), quanto para contribuir para reflexões de práticas corporais nessa primeira fase da educação assumindo a fenomenologia como metodologia (VIEIRA, 2007). Assim como, para analisar as práticas pedagógicas cotidianas de professores de Educação Infantil, no que se refere ao corpo e movimento (OLIVEIRA, OLIVEIRA 2013), interpretar as várias dimensões que permeiam as práticas corporais como as brincadeiras de luta, sobretudo, aquelas que são partilhadas na experiência infantil (FARIAS; WIGGERS, 2015). Identificar e problematizar as práticas corporais presentes no universo cultural de alunos/as (MOTA; *et al* 2017), investigar as práticas corporais e culturais desenvolvidas por grupos de crianças que frequentam espaços informais e quase formais de uma cidade (STIGGER; WENETZ; THOMASSIM, 2009.). Também ressignificar a prática docente da Educação Física escolar, possibilitando a reflexão sobre as relações de gênero na Educação Física (PELLUSO; LINDEN; FABIANO, 2017) e estudar sobre a educação do corpo e as práticas corporais na infância (RICHTER, 2007). Por fim nessa questão, um trabalho que visa analisar os momentos de brincadeiras livres como se dá as interações criança-criança e criança brinquedos a partir do recorte de cenas gravadas em momentos de brincadeiras livres (PEREIRA; PINHEIRO 2015).

Outra discussão bastante presente nos trabalhos foi “Pesquisas históricas na área da Educação Física”, em que foi identificado quatro (4) pesquisas (21%), em que trazem: tanto levantamentos sobre gênero na Educação Física, entre os anos de 2000 e 2008, buscando identificar e refletir sobre elementos teóricos que fundamentam as publicações (FRANCISCHI; *et al* 2011), quanto pesquisas com pessoas acima de 60 anos, para resgatar memórias da infância e da cultura lúdica do Sertão Central do Ceará, sendo de fundamental importância para compreender o modo de ser criança na contemporaneidade (PEREIRA; GOMES; FERNANDES, 2017). Traz também uma investigação dos impressos pedagógicos que fizeram parte de uma Política Pública Federal, tal como a revista “Dedinho”, no qual possibilita conhecer as concorrências e as competições internas que se travaram entre os grupos que participaram da construção material dessa política e que estabeleceram uma relação de poder e de dominação, de forma a identificar as coerências e incoerências dos discursos políticos e sua execução prática, as formas de aprimoramento pedagógico, que se pretendeu impingir aos professores, numa tentativa de conformar suas práticas. Por fim, nessa temática, encontramos uma pesquisa que visa

verificar se as questões de gênero influenciam na decisão dos responsáveis por crianças de 4 a 6 anos, com distúrbios articulatorios, na conduta motora oral, a buscarem auxílio da Fonoaudiologia (FEITOSA; ROMERO, 2005).

“A importância da Educação Física na Educação Infantil” foi outra categoria observada, em que foi possível identificar duas (2) produções (10,5%), que abordam conteúdos sobre: a necessidade de uma discussão ampliada acerca da presença da Educação Física nas séries iniciais (RIOS; RAMOS, 2015), assim como a importância e a necessidade de professores de Educação Física atuarem desde a Educação infantil de formação dos escolares, educando-os e dialogando com a realidade social e com as questões de gênero pertinentes ao nível de aprendizagem deste nível de ensino- educação infantil (SILVA; *et al* 2019).

Outra questão destacada dentre os trabalhos selecionados foi “O currículo da Educação Física na escola”. Foram selecionados dois (2) trabalhos (10,5%), os quais tratam em seu conteúdo sobre: a importância de superar o desafio de construir uma proposta de trabalho para uma escola da infância de tempo integral (COELHO; LIMA, 2007) e, o outro trabalho, constituiu-se a partir de uma pluralidade metodológica e objetiva evidenciar pertinências de um currículo cultural da Educação Física na Educação Infantil (DUARTE, 2021).

Foi nomeada como “*Outros*” dois (2) trabalhos (10,5%) que não se enquadraram nos contextos escolares anteriores. Um desses trabalhos aborda a importância da busca em aprofundar no aspecto relevante da construção da função simbólica para a interlocução comunicativa, a aquisição da linguagem e interação da criança com seu meio e com o outro, permeada pela variabilidade da ação motora (RANGEL, 2005). O outro trabalho traz a importância de entender o que é o *bullying* e pensar como a comunidade escolar deve agir perante essas situações (EUGENIO, 2019).

Para finalizar as interpretações sobre as produções de gênero na Educação Infantil, podemos destacar algumas proposições pedagógicas sobre o tema, para que possa contribuir para aquelas pessoas que buscam conhecimentos a respeito, a partir dos estudos levantados percebemos o quão é importante a mediação adulta perante os conflitos das crianças, a importância de projetos que suscitem reflexões necessárias e pertinentes em torno das relações de gênero estabelecidas dentro e fora da escola e a importância da elaboração de boas práticas pedagógicas visando abordar as questões de gênero.

A partir dos discursos generificados reforçados pela própria família, pela indústria, instituições de ensino e vários outros lugares, o texto de Carbinatto e Zuzzi (2005), traz como proposição pedagógica:

Devemos, de maneira crítica, desmascarar preconceitos e crueldades pelo diferente. Devemos, de maneira criativa, estimular o contato com o novo e motivá-los a buscar a novidade. Devemos através de carinho e compreensão, mostrar a afetividade dos homens e mulheres para com os homens e mulheres, homens e homens, e mulheres e mulheres. Devemos construindo o conhecimento da vida deixar com que a vida também nos ensine. Devemos viver sendo o que se quiser ser! (CARBINATTO; ZUZZI, 2005, p. 8),

No texto de Coelho e Lima (2007), foram realizados alguns projetos no ano de 2006, que foram apresentados para elucidar a proposta de trabalho em uma escola da infância de tempo integral, em que o projeto “Carrinho para as meninas e boneca para os meninos”, que surgiu de uma maneira inesperada. Inicialmente a pretensão era realizar um projeto que envolvesse a construção de brinquedos e foi optado por começar com carrinhos. Mas na primeira aula foram surpreendidos pelo questionamento levantado pelas meninas: “e pra gente não tem bonecas?”. Dessa maneira, foi percebido que essa era uma excelente oportunidade de questionar, junto com as crianças, as questões de gênero presente na cultura infantil. Assim, foi procurado trabalhar com alguns brinquedos e brincadeiras em que a segregação por gênero se dava de maneira mais evidente. Como conclusão desse projeto, o texto traz que a elaboração do projeto talvez tenha suscitado uma reflexão necessária e pertinente em torno das relações de gênero estabelecidas dentro e fora da escola, além de ter contribuído na construção de opiniões críticas, por parte das crianças, a respeito do assunto (COELHO; LIMA, 2007).

Richter (2007) traz a importância da mediação adulta perante os conflitos das crianças, pois na tentativa de respeitar os “direitos” das crianças, de favorecer a criatividade, ou em nome da “liberdade” e da “espontaneidade”, muitos momentos da rotina favorecem práticas de violência entre os pequenos, dentre elas físicas, de preconceito e exclusão (RICHTER, 2007).

Na produção de Oliveira e Oliveira (2013), que traz uma pesquisa que busca investigar as práticas pedagógicas cotidianas de professores de Educação Infantil, a autora fala que embora não seja tarefa fácil, os/as docentes precisam superar a visão “adultocêntrica” que atribui “papéis e comportamentos predeterminados” socialmente conforme o gênero (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013).

Nos diagnósticos de sua pesquisa, Rios e Ramos (2015) obteve como observação a dificuldade dos/as alunos/as em participarem de atividades conduzidas, pois, estavam habituados a brincarem sozinhos e já havia os grupos formados, a maioria dos meninos brincavam de futebol e basquete e as meninas de pular corda e jogos de peças para montar, deixando claro a preferência, ainda que inconsciente pela segregação por gênero. Dessa forma como proposição pedagógica, a autora traz:

Foi decidido então que os levaríamos para outros ambientes, além da quadra de esportes para que houvesse uma interação maior entre eles e para que os conteúdos esportivos fossem esquecidos por um momento, utilizamos espaços como o pátio, a sala de multimídia, a sala de aula, sala de educação física (espécie de almoxarifado) e o quiosque (refeitório). (RIOS; RAMOS, 2015, p. 2).

PEREIRA e PINHEIRO (2015) em seu trabalho afirma que apesar de a escola reforçar estereótipos de gênero, separações e modelos, na brincadeira isso se desfaz em uma certa cena:

As brincadeiras começam e uma menina aparece com um foguete na mão, brinquedo que ela escolheu. Não há separações de grupos masculinos e femininos. Após a cena do foguete, duas crianças, uma garota e um garoto, brincam juntos com carrinhos de madeira e peças de encaixe. Colocam as peças num caminhão, simulando o transporte de certo material: carregam, transportam, descarregam e voltam a carregá-lo (PEREIRA; PINHEIRO 2015, p. 3).

A autora conclui a partir dessa cena anterior, que quando a menina pega o foguete para brincar:

O faz de maneira livre e espontânea, o que faz da ludoteca um ambiente atrativo que proporciona o movimento da criança de acordo com suas vontades e desejos. A separação típica dos sexos não é reforçada pelas crianças nas duas brincadeiras, pois há intensa interação menino-menina. A cena mostra o compartilhar e o fruir característicos da brincadeira, diluindo modelos e estereótipos a partir da tolerância ao outro/diferente. (PEREIRA; PINHEIRO 2015, p. 3).

Os autores FARIAS e WIGGERS, (2015) em sua produção sobre brincadeiras de luta e cultura infantil, traz como proposição pedagógica que essa temática, ao lado da ginástica, jogos, dança e de atividades lúdico-recreativas constituem uma possibilidade significativa para uma ação pedagógica inclusiva e democrática da Educação Física. No qual, esse autor afirma que este processo poderá dispor de uma maior sensibilidade dos adultos diante do mundo das crianças, de modo mais fiel às suas representações particulares (FARIAS; WIGGERS, 2015).

Encontramos outra preposição pedagógica no texto de Mota, *et al* (2017), que durante a observação das aulas foi notado que as questões de gênero eram reforçadas, uma vez que para vivenciar algumas brincadeiras a turma era separada por sexo. Dessa maneira, para tentar transformar minimamente esse cenário, nas intervenções foi procurado desenvolver atividades em que todos participassem conjuntamente, também foi problematizado o assunto em uma solicitação para que meninos e meninas trocassem seus brinquedos entre si e no final da aula, durante a roda de conversa, foi perguntado o porquê da recusa e alguns alunos relataram a influência dos pais neste sentido.

Por fim, nas produções selecionadas, o texto de Eugênio, Silveira e Ramalho (2019) aborda o *bullying* como fator de desmotivação nas aulas de Educação Física traz como conclusão e como preposições pedagógicas que o ideal seria começar o trabalho anti-*bullying* desde a Educação Infantil, mostrando que todos são iguais, não importando a condição física, nível de força, gênero ou situação social, deve ser feito com o apoio dos familiares e de toda a comunidade escolar, e seguindo durante todo o ensino fundamental até o ensino médio (EUGÊNIO; SILVEIRA; RAMALHO 2019).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É compreendido que os trabalhos de análise de produções científicas são de suma importância para contribuir no avanço do conhecimento científico de determinada área, uma vez que exploram o que já foi produzido, bem como as lacunas existentes.

O presente trabalho que teve como objetivo geral responder “O que vem sendo produzido sobre gênero na Educação Física da Educação infantil?”, após o mapeamento e seleção das produções científicas que abordavam tal temática verificou-se que apesar da existência de muitos trabalhos que poderiam abordar assuntos sobre gênero na Educação Física da Educação infantil (198 trabalhos), apenas 19 trabalhos de 10 edições do evento “CONBRACE & CONICE” foram selecionados (9,5% dos possíveis trabalhos).

Dessa maneira, o presente estudo resume o que vem sendo produzido sobre a temática de gênero na Educação Física da Educação Infantil: nove (9) produções sobre análises nas práticas pedagógicas e corporais na Educação Infantil; Quatro (4) produções sobre pesquisas históricas na área da Educação Física; Dois (2) trabalhos sobre a importância da Educação Física na Educação Infantil; Duas (2) produções sobre o currículo da Educação Física na escola; Um (1) trabalho sobre a importância da busca em aprofundar no aspecto relevante da construção da função simbólica; E, por fim, uma produção sobre a importância de entender o que é o *bullying* e pensar como a comunidade escolar deve agir perante essas situações.

Os artigos apontam, em sua maioria, que a produção generificada dos papéis atribuídos social e culturalmente as crianças ocorrem a partir da visão e do estímulo do adulto, nos diversos contextos e instituições, sejam eles familiar, religioso, escolar, etc. E como docentes, devemos estar atentos e atentas às produções de diferenças que a escola proporciona, pois de acordo com Louro (1997), a escola:

Concebida inicialmente para acolher alguns — mas não todos — ela foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles/as aos/às quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, "garantir" — e também produzir — as diferenças entre os sujeitos (LOURO, 1997, p. 57).

A autora também traz que a escola ainda delimita espaços, afirma o que cada um/a pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos

grandes, dos meninos e das meninas (LOURO,1997). Dessa maneira, é percebido que há uma necessidade de um trabalho pedagógico voltado para a quebra desses paradigmas.

Assim, é compreendido que para isso, temáticas como gênero, sexualidades, diferenças e *bullying* precisam estar contempladas no currículo de formação inicial e nas formações continuadas, que estejam presentes no material didático-pedagógico, nas diretrizes dos documentos vigentes das licenciaturas e sejam reconhecidos como conteúdos transversais e urgentes no processo de formação de estudantes e docentes.

As proposições pedagógicas que conseguiram dar conta das demandas levantadas na Educação Física da Educação Infantil trazem questões como a importância da mediação adulta perante os conflitos das crianças; A elaboração de um projeto que suscitou reflexões necessárias e pertinentes em torno das relações de gênero estabelecidas dentro e fora da escola, além de ter contribuído na construção de opiniões críticas, por parte das crianças, a respeito do assunto; A elaboração de boas práticas pedagógicas na Educação Infantil, focando superar a visão “adultocêntrica” que atribui “papéis e comportamentos predeterminados” socialmente conforme o gênero; Levar a aula de Educação Física para outros ambientes além da quadra de esportes para que houvesse uma interação maior entre eles/as diminuindo assim a segregação de gênero na aula; Trabalhar as práticas pedagógicas de lutas, ao lado da ginástica, jogos, dança e de atividades lúdico-recreativas constituem uma possibilidade significativa para uma ação pedagógica inclusiva no qual, há a possibilidade de se abordar as questões de gênero; O trabalho anti-*bullying* deve estar presente desde a Educação Infantil, mostrando que todos são iguais, não importando a condição física, nível de força, gênero ou situação social.

Portanto, identifico que ao trabalhar o gênero na Educação Física da Educação infantil, estamos contribuindo para a formação de uma nova geração de indivíduos conscientes, respeitosos e empáticos, capazes de reconhecer e valorizar a diversidade humana. Essa abordagem transcende os limites da sala de aula, impactando positivamente a sociedade como um todo. É uma oportunidade valiosa para construir um mundo mais justo, inclusivo e igualitário.

5. REFERÊNCIAS

BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista Odontológica**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 07 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC/SEF, 1996. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em 07 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2023

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas Transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro111.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualv011.pdf>. Acesso em 01 mai. 2023.et

CARBINATTO, Michele; ZUZZI, Renata Pascoti. Educação física infantil, corpo e gênero: analisando relações e interferências. In: ANAIS DO XIV CONBRACE E II CONICE, 2005, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.public.cbce.org.br/uploads/conbrace2005.pdf>. Acesso em 01 mai. 2023.

COELHO, Luciano Silveira; LIMA, Cláudio Rodrigues. A Educação Física em uma escola da infância de tempo integral: construindo um projeto político-pedagógico. In: ANAIS DO XV CONBRACE E III CONICE, 2007, Recife. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.public.cbce.org.br/uploads/cd/listaresumos.htm>. Acesso em 01 mai. 2023.

CBCE. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. CONBRACE E CONICE. 2023. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/conbrace/>. Acesso em: 06 abr. 2023.

CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. 164 p.

CORSINO, Luciano N; AUAD, Daniela. **O professor diante das relações de gênero na Educação Física escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

DUARTE, Leonardo de Carvalho. Educação Física cultural na educação infantil: imagens, narrativas produzidas com professoras e crianças. In: ANAIS DO XXII CONBRACE E XIX CONICE, 2021, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2021/9conice/schedConf/presentations>. Acesso em 01 mai. 2023.

EUGÊNIO, Ana Cristina; SILVEIRA, Ana Rita Caires A.; RAMALHO, Carla Chagas. O bullying como fator de desmotivação nas aulas de Educação Física. In: ANAIS DO XXI CONBRACE E VIII CONICE, 2019, Natal. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/anais/2019>. Acesso em 01 mai. 2023.

FARIAS, Islorraine de Jesus. **A igualdade de gênero e o brincar na educação infantil**. 2022. 16 p. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: [https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/704878/6/A%20IGUALDADE%20DE%20GÊNERO%20E%20O%20BRINCAR%20NA%20EDUCAÇÃO%20INFANTIL\(3\).pdf](https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/704878/6/A%20IGUALDADE%20DE%20GÊNERO%20E%20O%20BRINCAR%20NA%20EDUCAÇÃO%20INFANTIL(3).pdf). Acesso em: 10 jun. 2023.

FARIAS, Mayrhon José Abrantes; WIGGERS, Ingrid Dittrich. Análise de publicações em periódicos da educação física acerca da temática brincadeiras de luta e cultura infantil (2004-2013). In: ANAIS DO XIX CONBRACE E VI CONICE, 2015, Vitória. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/schedConf/presentations>. Acesso em 01 mai. 2023.

FEITOSA, Julia Gonçalves; ROMERO, Elaine. As questões de gênero como influenciadoras na decisão dos responsáveis por crianças de 4 a 6 anos, com distúrbios articulatorios, na conduta motora oral, que buscam auxílio da fonoaudiologia. In: ANAIS DO XIV CONBRACE E II CONICE, 2005, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.public.cbce.org.br/uploads/conbrace2005.pdf>. Acesso em 01 mai. 2023.

FRANCISCHI, Vanessa Gertrudes, *et al.* A pesquisa de gênero: produção científica em revistas da educação física brasileira de 2000 a 2008. In: ANAIS DO XVII CONBRACE E IV CONICE, 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/schedConf/presentations>. Acesso em 01 mai. 2023.

FRISON, Lourdes Maria Bragnolo. Corpo, gênero e sexualidade na educação infantil. **Reflexão e Ação**, v.16, n.1, p. 84-93, 2008. Disponível em: <http://online.unisc.br>. Acesso em: 08 jun. 2023.

FULY, Viviane Moretto da Silva; VEIG, Georgea Suppo Prado. Educação infantil: da visão assistencialista à educacional. **Revista Interfaces da Educação**, v. 2, n. 6, p. 86–94, 2012.

KUHLMANN JR., Moisés. O jardim de infância e a educação das crianças pobres: final do século XIX, início do século XX. In: MONARCHA, Carlos, (Org.). **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. Campinas/SP: Autores Associados, 2001. p. 3-30 (Coleção Educação Contemporânea).

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **Actividade, consciencia y personalidad**. Buenos Aires: Ciencias Del Hombre, 1978.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MOTA, Geovânia Silva; *et al.* Problematizando as brincadeiras na educação infantil a partir da perspectiva cultural. In: ANAIS DO XX CONBRACE E VII CONICE, 2017, Goiânia. **Anais eletrônicos**. Disponível em:

<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/schedConf/presentations>. Acesso em 01 mai. 2023.

OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz de; OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Corpo e movimento em práticas cotidianas na educação infantil. In: ANAIS DO XXIII CONBRACE E V CONICE, 2013, Brasília. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/conbrace2013/5conice/schedConf/presentations>. Acesso em 01 mai. 2023.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **HISTEDBR**, p. 86–94, 2012.

PASSI, Thatiana. **Relações de gênero na escola**. 2019. Disponível em: <https://builders.com.br/relacoes-de-genero-na-escola/>. Acesso em: 31 maio 2023.

PELLUSO, Juliana; LINDEN, Mauricio Van Der; DEVIDE, Fabiano. Coeducação e educação física escolar: produção de material didático. In: ANAIS DO XX CONBRACE E VII CONICE, 2017, Goiânia. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/schedConf/presentations>. Acesso em 01 mai. 2023.

PEREIRA, Amanda Rezende; PINHEIRO, Maria do Carmo Morales. Gênero nas interações infantis e o brincar na Ludoteca UFG/RC. In: ANAIS DO XIX CONBRACE E VI CONICE, 2015, Vitória. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/schedConf/presentations>. Acesso em 01 mai. 2023.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; GOMES, Daniel Pinto; FERNANDES, Ruan Galdino. Memórias da infância no sertão central do Ceará. In: ANAIS DO XX CONBRACE E VII CONICE, 2017, Goiânia. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/schedConf/presentations>. Acesso em 01 mai. 2023.

PINTO, Joélcio Fernandes; VAGO, Tarcísio Mauro; FARIA, Luciano Mendes de. Representações de esporte e Educação Física na ditadura militar: uma leitura a partir da revista de história em quadrinhos dedinho (1969-1974). In: ANAIS DO XV CONBRACE E III CONICE, 2007, Recife. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.public.cbce.org.br/uploads/cd/listaresumos.htm>. Acesso em 01 mai. 2023.

RANGEL, Denise Inazacki. Função mediadora da ação corporal na brincadeira simbólica: a significação do movimento. In: ANAIS DO XIV CONBRACE E II CONICE, 2005, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.public.cbce.org.br/uploads/conbrace2005.pdf>. Acesso em 01 mai. 2023.

RICHTER, Ana Cristina. Uma investigação sobre a educação do corpo na rotina de uma creche: notas sobre a educação física e seu lugar. In: ANAIS DO XV CONBRACE E III CONICE, 2007, Recife. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.public.cbce.org.br/uploads/cd/listaresumos.htm>. Acesso em 01 mai. 2023.

RIOS, Vandélma Silva Oliveira; RAMOS, Michael Daian Pacheco. A presença da Educação Física na educação infantil do colégio Gilberto Dias de Miranda: uma relação

construída a partir do PIBID/UNEB – Jacobina/BA. In: ANAIS DO XIX CONBRACE E VI CONICE, 2015, Vitória. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/schedConf/presentations>. Acesso em 01 mai. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Erlânia Pereira da; *et al.* Estágio supervisionado I: análise das relações de gênero na educação infantil. In: ANAIS DO XXI CONBRACE E VIII CONICE, 2019, Natal. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/anais/2019>. Acesso em 01 mai. 2023.

SIQUEIRA, Jaqueline Cristina Freire. **As questões de gênero nas aulas de educação física escolar: uma questão (a ser) abordada?**. 2020. 263 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Unesp, Rio Claro, 2020. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/194098/siqueira_jcf_me_rcla.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 28 jun. 2023.

STIGGER, Marco Paulo; WENETZ, Ileana; THOMASSIM, Luis Eduardo Cunha. Os significados das vivências corporais de crianças em espaços de lazer em Porto Alegre e Curitiba. In: ANAIS DO XVI CONBRACE E III CONICE, 2009, Salvador. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2009/XVI/schedConf/presentations>. Acesso em 01 mai. 2023.

VIANNA, Cláudia Pereira e RIDENTI, Sandra. **Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito**. Diferenças e preconceito na escola. São Paulo: Summus, 1998. Acesso em: 26 maio 2023.

VIEIRA, Marcilio de Souza. Por uma Educação Física com sabor: possibilidades e desafios no ensino infantil. In: ANAIS DO XV CONBRACE E III CONICE, 2007, Recife. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.public.cbce.org.br/uploads/cd/listaresumos.htm>. Acesso em 01 mai. 2023.